

A COESÃO TEXTUAL EM QUESTÕES DA LINGUAGEM

TEXTUAL COHESION IN LANGUAGE ISSUES

Ivan Vale de Sousa¹

Mestre em Letras

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

(ivan.valle.de.sousa@gmail.com)

RESUMO: Os fenômenos da coesão textual com as questões da linguagem se apresentam como propostas temáticas e necessárias a serem exploradas nas práticas dialógicas de ensino-aprendizagem no trabalho com o texto e nas investigações de sala de aula. Nesse sentido, os objetivos inseridos na referida discussão partem das finalidades de apresentar os conceitos da coesão textual no processo de ensino-aprendizagem, refletir sobre os tipos de coesão textual no trabalho com o texto, tanto no desenvolvimento das habilidades de leitura quanto de escrita, discutir a relação dos fenômenos coesivos nas questões práticas da linguagem em leitura e produção textual. Assim, estas discussões de bases reflexivas colocam em destaque a realização eficaz e possível da coesividade textual nas práticas de sala de aula de Língua Portuguesa.

Palavras-chave: Coesão textual. Leitura. Produção textual.

ABSTRACT: The phenomena of textual cohesion with language issues are presented as thematic and necessary proposals to be explored in the dialogical teaching-learning practices when working with texts and within the classroom investigations. In this sense, the aims inserted in the discussion start from the purposes of presenting the concepts of textual cohesion in the teaching-learning process, reflecting on the types of textual cohesion when working with texts both in the development of reading and writing skills, to discussing the relationship that cohesive phenomena have with the language practice issues within reading and textual production. Thus, these reflective-based discussions highlight the effective and possible achievement of textual cohesiveness in Portuguese Language classroom practices.

Keywords: Textual cohesion. Reading. Text production.

Considerações iniciais

A arte linguística de ensinar coesão textual nas experiências de sala de aula tem sido uma prática possível? O ensino da coesão textual tem sido realizado de maneira satisfatória? As práticas de estudo da coesão têm sido aproximativas ou distanciadoras dos alunos do trabalho com o texto? As possíveis respostas para as questões que principiam as reflexões sobre o fazer metodológico com o texto podem ser encontradas nas partes discursivas que dão formatos e sentidos a este estudo.

Não existe a possibilidade de problematizar o ensino da coesão textual na sala de aula sem que as práticas de aprendizagem não estejam fundamentadas e estruturadas no trabalho com o texto, no desenvolvimento com as habilidades de

¹ ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7244-2823>.

leitura e produção textual, colocando em destaque os discursos produzidos pelos alunos no contexto das aulas dialógicas da disciplina de Língua Portuguesa².

Conhecer os fenômenos linguísticos que estabelecem a coesão textual, os conceitos e o envolvimento com os procedimentos de trabalho na perspectiva textual capazes de produzir uma situação de comunicação possível e necessária entre os interlocutores tornam-se experiências urgentes, visto que a questão do ensino da coesão na escola passa pelas práticas pluridimensionais realizadas nas propostas de ensino-aprendizagem.

A coesão textual opera-se mediante os mecanismos linguísticos presentes na língua, estabelecendo uma conexão, uma ligação e uma harmonia lógico-semântica entre as partes da situação comunicativa presentes no texto. Esses mecanismos são harmonizados mediante os usos dos elementos semânticos e gramaticais como o uso adequado das conjunções, preposições, advérbios, adjetivos e as circunstâncias das locuções adverbiais, possibilitando com isso, a eficiência comunicativa na proposta textual.

Necessário é ampliar o conhecimento lexical dos sujeitos na produção da coesão textual, visto que é mediante o processo constitutivo da competência textual do enunciador com a linguagem que os textos vão sendo elaborados no processo harmonizador de uso dos mecanismos coesivos, pressupondo o conhecimento dos tipos de coesão na possibilidade de que os sujeitos se instrumentalizem, conhecendo e usando os fenômenos coesivos inseridos nos enunciados estruturados na organização textual.

Descomplicar o trabalho com a coesão textual é mais que necessário no processo de ensino, significa descortinar novos horizontes discursivos e possíveis de realização comunicativa dos sujeitos. Essa assimilação implica a contínua prática com as habilidades de leitura, análise linguística e semiótica, de produção textual que projeta e encontra no terreno fértil da sala de aula as possibilidades de elaboração das competências comunicativas, no conhecimento e na apropriação do texto como objeto de ensino-aprendizagem.

² Utilizo, neste trabalho, **Língua Portuguesa** com iniciais maiúsculas na função de **disciplina** em que diferencio de **língua portuguesa**, em iniciais minúsculas, como **objeto linguístico, político e cultural**.

Assim, o trabalho com o texto firma-se como passaporte reflexivo e produtivo nas múltiplas constituições dos saberes dos alunos mediatizadas pelos professores nas políticas metodológicas textuais da coesão na esfera diversa da linguagem.

Os estudos conceituais e procedimentais da coesão textual

Quem nunca viveu a experiência de receber uma pequena anotação como avaliação do texto produzido, destacando que **a produção textual estava faltando coesão**, não se viu diante de um grande impasse, sem saber ao certo o que atribuir à produção e como organizar o discurso no texto. Ao dizer ou anotar no texto a ausência da coesão, não há uma problematização dos conhecimentos inseridos no plano textual, visto que isso somente reforça que o usuário desconhece a própria língua e seus elementos, contudo, poucas dessas anotações orientam e dizem, exatamente, o que ficou obscuro nas tramas do texto para torná-lo coeso e aceitável.

A finalidade da coesão textual é marcada pelo uso dos mecanismos constitutivos do texto mediante a identificação e a utilização dos fenômenos procedimentais capazes de examinar como as classes de palavras, por exemplo, a substituição de determinado substantivo por um pronome ou pela produção da elipse na formulação dos enunciados, adequando os conectivos com práticas de ordenar, retomar expressões e tempos verbais, bem como utilizar outros mecanismos que auxiliem os sujeitos na aquisição e na descoberta dos elementos da linguagem na modalidade escrita.

Os estudos conceituais referentes ao trabalho com coesão textual são necessários nas práticas escolares, esclarecendo o que é, e como estabelecer a coesão na escrita textual dos alunos, dizer que o texto não está coeso com a proposta metodológica com a qual a linguagem foi utilizada já não surte mais nenhum efeito, mantém a repetição da máxima que tenta convencer que os alunos não sabem produzir textos, embora, isso não seja uma verdade.

Propor o trabalho com a coesão textual nas práticas de sala de aula significa possibilitar também um encontro de interação entre o sujeito, o texto e a linguagem empregada. Esse encontro inserido nos fenômenos coesivos permite a descoberta dialógica no trabalho cognitivo com a leitura e a escrita, porque ensinar coesão textual nas experiências escolares implica fortalecer as marcas de trabalho com as múltiplas aprendizagens no ensino da encantadora disciplina de Língua Portuguesa.

Ensinar como se constrói a coesão no processo de ensino-aprendizagem é questão urgente, porque propicia o trabalho com os mecanismos e a estruturação da produção textual, visto que a experiência com a coesão textual simboliza também uma experiência com a linguagem, além disso, as metodologias de elaboração da coesão inserem os alunos no mundo da escrita, nas formas de repensar, reestruturar e reorganizar os textos com suas marcas linguísticas e dialógicas aos contextos exigidos.

Os aspectos e os pilares básicos da coesão textual produzem no trabalho de sala de aula com a produção de textos um processo de análise dos mecanismos aceitáveis a determinados gêneros textuais. Assim, as metodologias pedagógicas de orientação das escolhas lexicais como os sentidos semântico-pragmáticos nos textos dos alunos dependem, em grande parte, das intervenções que o professor realiza nas produções textuais, oportunizando os sujeitos a encontrarem a harmonização textual.

Trabalhar com o ensino de coesão textual no contexto de ensino implica também produzir uma relação de pesquisa que os autores fazem sobre seus próprios textos, em outras palavras, significa dizer que o trabalho com a coesão é um processo convidativo à pesquisa da implementação do texto, do contexto e dos itens lexicais que estabelecem a ligação dos conectivos com os fenômenos textuais.

Os conceitos básicos e ampliados são necessários e encontram no ambiente das práticas didáticas textuais os espaços para suas efetivações. Trazer o texto para a sala de aula e ampliar as metodologias de acesso ao conhecimento é trabalhar com conceitos, procedimentos e flexibilização das práticas de sala de aula, logo, os sentidos e os significados da coesão textual necessitam constituírem-se como proposições possíveis de promover as situações comunicativas no ensino.

Revelar os mecanismos constitutivos no texto pressupõe construir no funcionamento do diálogo entre os fenômenos linguísticos de retomada e orientação dos itens lexicais uma noção semântica de que “a coesão ocorre quando a interpretação de algum elemento no discurso é dependente da de outro. Um pressupõe o outro, no sentido de que não pode ser efetivamente decodificado a não ser por recurso ao outro” (HALLIDAY; HASAN, 1976, p. 4).

A produção da coesão passa pelo trabalho com o estudo e a escrita do texto, porque não se pode ensinar coesão nas práticas escolares apenas com orientações sem que tais direcionamentos não estejam inseridos no fazer metodológico de

produção textual. Nesse sentido, escrever, ler, reescrever e ler novamente o que foi escrito na organização dos itens lexicais que se adequem melhor à proposta discursiva textual são finalidades necessárias para abrir os horizontes do texto.

Escrever textos é uma necessidade da comunicação humana e da interação verbal. A escrita de textos para muitos é sempre um processo doloroso, mas, por que é necessário o trabalho com texto e o que precisa ser dito no plano textual? Inviável, nesse sentido, é trabalhar coesão sem que os textos não encontrem lugares de destaque no processo de ensino-aprendizagem, visto que o fazer textual carece de orientar “toda e qualquer atividade da sala de aula de língua (da mesma forma que ele permeia toda e qualquer atividade de nossa atuação social). Constitui o **ponto de convergência** de qualquer prática, de qualquer exercício, de qualquer plano” (ANTUNES, 2005, p. 40. Grifos da autora).

A utilização do texto nas aulas de Língua Portuguesa não pode ser concebida como forma de manter os alunos ocupados, sem fins estabelecidos ou propostas de um passatempo didático, mas como objetos de investigação, discussão, produção, análise textual, divulgação das necessidades linguísticas e sociais dos falantes da língua.

Demonstrar as finalidades da coesão no texto pressupõe esclarecer no trabalho de inserção dos alunos ao mundo inusitado da esfera textualizada que a produção da coesão textual manifesta como conjunto de fenômenos capazes de articular os termos presentes nos textos, estabelecendo uma relação de retomada e anúncios lexicais na estruturação estabelecida nas marcas textuais, pressupondo que a interpretabilidade possa ser recuperada nos usos da seleção lexical e nos mecanismos inseridos no texto.

Se, por um lado, o trabalho com os conceitos e os procedimentos referentes ao entendimento da coesão nos textos dos alunos são necessários serem ensinados, por outro, tem-se a ideia de que o texto se constitui como diálogo capaz de enfatizar a elaboração de outros contextos possíveis e metodológicos de realização da linguagem. A coesividade textual precisa, nesse sentido, estabelecer uma possível situação comunicativa nas práticas metodológicas textuais permissíveis de saber como elaborar bons textos com autenticidade.

Além de esclarecer sobre a coesão é preciso também possibilitar sua realização, sendo necessário demonstrar os mecanismos coesivos que promovem os

recursos coesivos no plano da textualidade. Nessa concepção, cinco são os mecanismos distinguidos por Halliday e Hasan (1976) sendo eles: referência (pessoal, demonstrativa, comparativa), substituição (nominal, verbal, frasal), elipse (nominal, verbal, frasal), conjunção (aditiva, adversativa, etc.) e coesão lexical (repetição, sinonímia, colocação, etc.).

Nesse sentido, os mecanismos apresentados por Halliday e Hasan (1976) precisam ser demonstrados no trabalho com o texto nas experiências de sala de aula. Esses recursos coesivos precisam passar por um processo de identificação e investigação por parte dos alunos para saber como as noções de retomadas e substituições podem ser realizadas na prática com o texto.

Os fenômenos linguísticos da coesividade textual não podem ser vistos como marcas superficiais que apenas aparecem no texto nem constituírem uma gramática do texto como muitos ainda defendem. A coesão do texto é, pois, um processo que mantém a conexão dos sentidos da linguística com a superficialidade do plano textual, contribuindo como aparato linguístico-significativo e facilitador do entendimento que se tem do texto, além de estabelecer um efeito comunicativo.

Como ligação e conexão entre as partes do texto, a proposta de coesão além de se constituir mediante os fenômenos sintáticos, gramaticais e semânticos é “explicitamente revelada através de marcas linguísticas, índices formais na estrutura da sequência linguística e superficial do texto, sendo, portanto, de caráter linear, já que se manifesta na organização sequencial do texto” (KOCH; TRAVAGLIA, 2011, p. 15).

A coesão estabelece no texto a sua função que é ser visto como um texto, aceitável como tal e isso vai muito além de frases bem elaboradas, pois os sentidos textuais, para se situarem como tais, carecem de completar algumas condições que lhes permitem o lugar de concretização na textualidade. Assim, compreendemos que os propósitos inseridos no plano textual são os marcadores das sequencialidades que o produtor e o leitor realizam na construção do texto.

Caracterizada por alguns como apenas um fenômeno estabelecido na superfície do texto, a coesão não é bem isso, como também não representa a construção de uma sintaxe textual, visto que a coesividade textual passa pelos aspectos semânticos e pela sequência dos elementos conectivos constituindo na textualidade a coesão que “não é nem necessária nem suficiente, ou seja, sua

presença não garante a textualidade e sua ausência não impede a textualidade” (MARCUSCHI, 2008, p. 104).

Os mecanismos de coesão marcam no texto a caracterização que o sustente como sendo um texto, entender como a pronominalização realiza-se mediante um processo exofórico e endofórico nas conexões propostas no trabalho com a construção da unidade textual. Nesse sentido, a coesividade utiliza-se da lexicalização selecionada dos termos e no encadeamento dos fenômenos textuais que se pretendem estruturar na linguagem verbal.

Trazer os conceitos referentes à coesão e os procedimentos necessários para sua compreensão e discussão na sala de aula implica instrumentalizar os alunos a se envolverem na dimensão do trabalho com o texto, compreendendo-o como amplo efeito de comunicação que reorganiza os discursos em formas de enunciados.

Os fenômenos que se estabelecem entre os enunciados não os marcam como termos independentes, há um processo de conexão entre eles, assim, refletir e produzir a coesão textual na sala de aula mediante o trabalho com o texto fundamentam os estudos e as investigações com a Linguística Textual, marcando, pois, a realização dos processos de referenciação e retomada dos mecanismos textuais.

O uso da coesão na harmonização linguístico-textual

O trabalho com as práticas de linguagem na sala de aula pressupõe a utilização eficaz dos recursos coesivos na conexão com as ideias que harmonizam os sentidos estabelecidos pelos itens lexicais no texto, porque a coesão linguístico-textual organiza um diálogo com todas as partes textuais e formam com isso um todo comunicativo.

A construção da coesão não se realiza apenas no texto, propriamente dito, mas também nas inter-relações, na linguagem e na interação entre os sujeitos, visto que se estes não souberem fazer as escolhas corretas para a utilização proposta, o próprio discurso contradir-se-á pelo uso inadequado de termos em diferentes contextos ou para a situação comunicativa eleita.

Um exemplo bem comum que ocorre na inadequação da coesão, principalmente, na produção do discurso que alguns sujeitos fazem ao alternar o uso da conjunção **mas** no lugar do advérbio **mais**, atribuindo-lhe sentidos díspares ou da

utilização do **mais** no lugar do vocábulo **mas**. Esse não domínio seria apenas um dos mais conhecidos exemplos da ausência de coesão na linguagem escrita, podendo também aparecer na linguagem oral pelos sujeitos, embora o contexto possa ser entendível.

Quando a coesão passa para o plano do texto, esses mesmos equívocos podem acontecer e até se perpetuarem se não houver a realização de um trabalho metodológico capaz de ensinar como os sujeitos podem empregar os termos lexicais no plano da textualidade.

Nesse sentido, o trabalho pedagógico a ser realizado com a coesão textual deve ser uma prática flexível e capaz de possibilitar aos alunos o conhecimento e as funções que os itens lexicais estabelecem no texto mediante os mecanismos que dão ideia de adição, contrariedade, explicação, retomada, consequências, alternâncias e as construções no texto como um todo comunicativo.

Trabalhar com a noção de coesão textual na sala de aula significa realizar um processo de conhecimento dos usos de palavras e termos lexicais capazes de construir uma competência linguística nos sujeitos, realizar, nesse caso, uma oficina com os fenômenos da textualidade na instrumentalização dos alunos implica estabelecer uma ampla educação linguística e interativa na formação dos usuários da língua no trabalho com o texto.

A coesão pode estar implícita ou explícita no texto e ensinar os alunos a perceberem essas variantes e a construir simboliza oportunizá-los com as orientações necessárias na atribuição evidente do discurso inserido no plano textual, além de lhes possibilitar a compreensão e o sequenciamento harmonioso das ideias estabelecidas na esfera textual.

Na perspectiva da coesividade textual, os leitores partilham no campo do texto seus conhecimentos linguísticos, pragmáticos, gramaticais e textuais, visto que dizer que há ausência da coesão no texto produzido pelos alunos, sem orientá-los no esclarecimento e na readequação dos fenômenos linguísticos e contextuais inseridos no campo da textualidade não se constroem sentidos formativos.

A função do ensino da coesão textual nas práticas de sala de aula não é a de distanciar os alunos da noção de pertencimento dos usos significativos da língua, mas de aproximação e instrumentalização textual-discursiva na organização dos saberes

dos sujeitos. É preciso, pois, dizer em que parte do texto a coesão foi omitida e quais foram os mecanismos não utilizados na promoção do encadeamento das ideias.

Essas e outras questões precisam ser ensinadas, refeitas e reconstruídas no trabalho com o texto, porque a prática de escrever ou produzir em um determinado gênero textual articula os conhecimentos dos sujeitos com as propostas de ensino-aprendizagem realizadas. Assim, trabalhar com o ensino de coesão na sala de aula significa estabelecer um processo de orientação das atividades com o texto.

Impossível é falar de coesão sem que os discursos não estejam inseridos na prática de investigação, leitura, produção e análise do trabalho metodológico com o texto. Nesse sentido, o texto marca o passaporte de inserção do aluno ao mundo inusitado e normativo da linguagem na modalidade escrita, bem como a eficácia do trabalho com a escrita textual pondera as atividades inseridas nos critérios da coesão e do papel da textualidade.

As aulas de Língua Portuguesa ocupam-se de tantas outras questões que as metodologias da coesão textual são questões exploradas insatisfatoriamente nas práticas discursivas de sala de aula. Assim, é preciso explorar a coesividade como questão necessária de ensino na escrita e de atribuição de sentidos no texto.

Não se pode realizar um trabalho abrupto da coesão textual na sala de aula, visto que boa parte dos alunos, ainda, não tem uma significativa experiência com o texto nos seus aspectos formais. Ensinar a coesão pressupõe iniciar com as noções básicas, porque a “coesão, ao nível de microestrutura, envolve os procedimentos da conexão superficial do texto e estabelece as condições da cotextualidade e inclui a formação sintática do texto nas suas relações gramaticais” (MARCUSCHI, 2012, p. 53).

As noções básicas de ensino e aprendizagem da coesão textual não podem ser vistas apenas como questões gramaticais, mas da apresentação do texto e de suas partes que trazem a gramática como componente necessário de encadeamento dos elementos presentes na trama textual. Assim, a aplicabilidade da gramática e das funções sintáticas na base textual precisa propor uma noção de diálogo entre as partes textuais e a visão global que os sujeitos fazem do texto.

Os fazeres com a política textual na escola tangenciam os fatores da conexão coesiva, ao passo que ensinar os fatores de conexão sequencial na sala de aula tanto no trabalho de estudo e de investigação quanto na produção do texto é questão

imprescindível, pois, eles auxiliam os leitores e produtores a se debruçarem nas reflexões que os alunos podem realizar em seus textos.

Assim, com a finalidade de perceber como os recursos coesivos inserem-se no texto, analisemos como exemplo o texto **Os urubus e sabiás**.

Texto 1: Os urubus e sabiás

Tudo aconteceu numa terra distante, no tempo em que os bichos falavam... Os urubus, aves por natureza becadadas, **mas** sem grandes dotes para o canto, decidiram que, **mesmo** contra a natureza, eles haveriam de se tornar grandes cantores. E **para** isto fundaram escolas e importaram professores, gargarejaram dó-ré-mi-fá, mandaram imprimir diplomas, e fizeram competições entre si, **para** ver quais deles seriam os mais importantes e teriam a permissão de mandar nos outros. **Foi assim que** eles organizaram concursos e deram nomes pomposos, e o sonho de cada urubuzinho, instrutor em início de carreira, era se tornar um respeitável urubu titular, a quem todos chamavam por Vossa Excelência. Tudo ia muito bem **até que** a doce tranquilidade da hierarquia dos urubus foi estremecida. A floresta foi invadida por bandos de pintassilgos tagarelas, que brincavam com os canários e faziam serenatas com os sabiás... Os velhos urubus entortaram o bico, o rancor encrespou a testa, **e eles** convocaram pintassilgos, sabiás e canários para um inquérito. “- Onde estão os documentos dos seus concursos?” **E as pobres aves** se olharam perplexas, **porque** nunca haviam imaginado que tais coisas houvessem. Não haviam passado por escolas de canto, **porque** o canto nascera com elas. E nunca apresentaram um diploma **para** provar que sabiam cantar, **mas** cantavam, simplesmente... “- Não, assim não pode ser. Cantar sem a titulação devida é um desrespeito à ordem.” E os urubus, em uníssono, expulsaram da floresta os passarinhos que cantavam sem alvarás...

MORAL: Em terra de urubus diplomados não se ouve canto de sabiá.

Fonte: Rubem Alves (1984, p. 61-62)

No texto de Rubem Alves, alguns termos são destacados em que fazem a retomada na relação com os elementos do texto. Esses elementos da língua marcam a função de estabelecer o contexto de relações textuais, sendo vistos como mecanismos e recursos da coesividade textual.

Além disso, os mecanismos presentes no texto marcam as relações de sentido entre os enunciados, cujas finalidades são de oposição/contraste (**mas**), adição de argumentos (**e**), explicação/justificativa (**porque**), consequência (**foi assim que**) marca temporal (**até que**), finalidade (**assim**), entre outras funções, o fenômeno linguístico da coesão textual vai sendo estabelecido pelos recursos e mecanismos utilizados no texto.

Como o ensino da coesão textual na sala de aula precisa ter por base as orientações e propostas básicas, o professor poderia solicitar aos alunos que, primeiramente, identificassem os termos que fazem a retomada de palavras ou expressões no texto e, em seguida, assinalar as finalidades que as conjunções estabelecem na elaboração do plano textual.

Partir das noções básicas no ensino de coesão nas práticas de sala de aula implica inserir os sujeitos em um processo contínuo de construção do saber. Nesse sentido, não de forma ampla, apresento as duas modalidades de coesão: referencial e sequencial, que podem ser aprofundadas, conforme a necessidade de ampliação do conhecimento pelos sujeitos.

A primeira modalidade coesiva é a coesão referencial também chamada de remissiva, porque tem a finalidade de estabelecer as referências presentes no texto. Assim, a coesão referencial é “aquela em que um componente da superfície do texto faz remissão a outro(s) elemento(s) nela presentes ou inferíveis a partir do universo textual” (KOCH, 2013, p. 31).

A remissão proposta no processo de coesão textual pode ser realizada mediante um processo de retomada de termos ou de anúncios de palavras e expressões que estabelecem uma ideia de conexão. Assim, a remissão constitui uma anáfora ou uma catáfora, como podemos observar nos exemplos, abaixo.

- (1) **O velho** subiu vagarosamente os dois lances de escadas. Quando chegou ao apartamento, **ele** parou diante da porta e bateu ofegante. (Nesse exemplo, temos uma anáfora, visto que o pronome **ele** retoma o sujeito **o velho**).
- (2) Elas eram tão curiosas, **minhas vizinhas** que não podiam ver ninguém chegando à minha casa. (Nesse exemplo, temos uma catáfora, pois exemplifica quem eram **elas** no enunciado proposto).

Os estudos referentes à coesão referencial não têm como funções apenas a anáfora e a catáfora, apresentam outras formas que precisam ser investigadas no trabalho com a coesividade textual na sala de aula, passando tanto pelas formas remissivas gramaticais presas quanto pelas formas remissivas gramaticais livres, além disso, também se tem as formas verbais remissivas e as lexicais.

A segunda modalidade da coesão textual refere-se à coesão referencial que aborda os “procedimentos linguísticos por meio dos quais se estabelecem, entre segmentos do texto (enunciados, partes de enunciados, parágrafos e sequências textuais), diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas à medida que faz o texto progredir” (KOCH, 2013, p. 53).

A progressão textual na coesão sequencial pode realizar-se mediante a sequenciação frástica e parafrástica em que se pode utilizar um conjunto de recursos linguísticos para demarcar determinados sentidos no texto, utilizando-se com isso da recorrência de termos e das estruturas de paralelismo sintático, além das paráfrases e das recorrências suprasegmentais.

Assim, para compreendermos melhor a realização da coesão sequencial, tomemos como exemplos duas estrofes de autores bem conhecidos.

(3) **Nosso** céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.
 (Gonçalves Dias)

No exemplo (3), a coesão textual estabelece-se mediante um processo de recorrência de estruturas que vão sendo replicadas na elaboração do texto, promovendo a efetivação do paralelismo sintático, em que as estruturas são construídas com diferentes componentes lexicais.

(4) O poeta é um **fingidor**:
 Finge tão completamente
 Que chega a **fingir** que é **dor**
 A **dor** que deveras sente.
 (Fernando Pessoa)

No exemplo (4), a coesão textual é construída mediante um processo de recorrência de recursos fonológicos em que se tem a existência da produção

invariante de rimas, assonâncias, aliterações e ritmo no plano textual dos versos que compõem a supramencionada estrofe.

Apesar da demonstração desses dois exemplos, a coesão sequencial é muito mais do que foi apresentado, é um estudo amplo, sendo, pois, a coesividade sequencial muito complexa, por isso a necessidade de partir das noções básicas das práticas de ensino-aprendizagem da coesão textual nas experiências dialógicas das aulas de Língua Portuguesa.

A coesão no texto não se realiza igualmente como a coesão efetivada na linguagem falada, visto que a linguagem utilizada pelos sujeitos traz uma carga ideológica e contextual que facilita o dizer dos usuários, sendo, muitas vezes, uma prática não monitorada como deve ser o processo de investigação e produção de um texto.

O trabalho com a coesão textual necessita estar inserido com a interlocução metodológica de sala de aula, sendo capaz de instrumentalizar os alunos a enxergarem como os mecanismos e os recursos da coesão podem ser produzidos na globalidade do texto, visto que as questões a serem exploradas nas experiências de aprendizagem de Língua Portuguesa sejam satisfatórias e flexíveis com as necessidades de aprendizagem dos sujeitos.

Os alunos na função de emissor, produtor, receptor e leitor do próprio texto precisam utilizar os critérios concernentes à aprendizagem com a finalidade de esforçarem-se ao máximo para o reconhecimento da importância do texto produzido, porque se “algum dos princípios não é obedecido pelo escritor, o leitor, guiado ainda pelo princípio do cooperativismo, deverá pensar que tal violação é intencional e que indiretamente o escritor está tentando dizer-lhe alguma coisa” (KATO, 1985, p. 55).

O ensino prático da aprendizagem com a coesão textual não desconsidera o trabalho com as habilidades de leitura, análise e interpretação, pois não há processo leitor que não seja capaz de inserir os sujeitos nos contextos autênticos com as propostas de ensino, visto que a coesão, nesse sentido, marca a organização dos dizeres dos sujeitos no plano da textualidade.

Assim, as práticas de trabalho metodológico com o ensino da coesão textual nas aulas de Língua Portuguesa devem ser motivadoras e aproximativas dos leitores a enxergarem nos textos as possibilidades de investigação, análise e produção de

questões que estejam voltadas a possíveis horizontes sobre outras leituras e pesquisas com a coesividade textual.

Considerações finais

Neste trabalho, as discussões referentes à produção e ao conhecimento de como as propostas da coesão podem ser estabelecidas na produção textual e na relação com a linguagem foram apresentadas mediante uma síntese reflexiva de como a coesão textual cumpre a função de harmonizar as ideias presentes nos textos produzidos nos contextos autênticos das aulas de Língua Portuguesa como questões possíveis.

Além disso, muito ainda há que ser dito, pensado e problematizado sobre a importância de construir na coesividade textual uma conexão com os elementos implícitos e explícitos do texto, bem como inserir no fazer metodológico com o processo constitutivo textual a ampliação autêntica dos discursos construídos nos enunciados.

A coesão não é um processo de organização textual que surge do nada, é um fenômeno linguístico de estruturação textual que atende aos conceitos e aos mecanismos que podem ser bem explorados no trabalho com o texto. Muito se tem falado sobre a coesão, mas, pouco se tem dito como a coesão textual se estabelece e como é marcada.

É preciso compreender a coesão como fenômeno próprio e presente na língua que se estrutura, sobretudo na produção do texto à luz das investigações da Linguística Textual, o que não significa dizer que as práticas de estruturação do texto não precisem passar por um processo de cautela nas idealizações dos eventos de estudos da linguagem.

Trazer a discussão dos conceitos procedimentais para o contexto da sala de aula, sobretudo no âmbito da educação básica no trabalho com a produção de textos é questão necessária, como são as ampliações dos gêneros textuais com os usos dos textos multimodais, explorando satisfatoriamente as questões das referências de análise e produção textual.

Necessário sempre será o trabalho metodológico com o fenômeno da coesão textual na prática de produção de textos e nas concepções de linguagem refletidas na experiência da sala de aula. Em linhas gerais, a coesão na metodologia com o texto

exige a realização de trabalho também com as habilidades de leitura, análise e escrita, bem como na sua relação com a linguagem, sendo, pois, necessário explorar as questões de maneira satisfatória no estabelecimento da coesão textual nas aulas de Língua Portuguesa.

Referências

ALVES, R. **Estórias de Quem Gosta de Ensinar**. São Paulo: Cortez Editora, 1984. 139 p.

ANTUNES, I. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. 199 p.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Cohesion in English**. London: Longman, 1976. 392 p.

KATO, M. A. **O aprendizado da leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1985. 144 p.

KOCH, I. G. V.; TRAVAGLIA, L. C. **Texto e coerência**. 13^a ed. São Paulo: Cortez, 2011. 110 p.

MARCUSCHI, L. A. **Linguística de texto: o que é e como se faz?** São Paulo: Parábola Editorial, 2012. 96 p.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 296 p.

Recebido em 28 de agosto de 2020
Aprovado em 27 de novembro de 2020